

IDENTIDADE NACIONAL E SUJEITO EM “RAÍZES DO BRASIL”: A AUTARQUIA DO INDIVÍDUO, UM RESGATE DA PERSONALIDADE

NATIONAL IDENTITY AND SUBJECT IN RAÍZES DO BRASIL: THE INDIVIDUAL AUTARCHY, A PERSONALITY RESCUE

* **Matheus Rolim Florentino de Paiva**

Recebido em: 04/08/2020.

Aceito em: 16/09/2020

Resumo:

Este artigo lança mão de categorias encontradas em comentadores da obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque, com a pretensão de evidenciar o lugar que nessa ocupa a personalidade, o sujeito (cordial). Realiza-se um mapeamento deste na obra e desvela-se seus marcadores e sua relação com a estrutura social analisada por Sérgio Buarque, evidenciando a relevância de sua consideração no para o conjunto argumentativo do livro.

Palavras-chave: Identidade. Personalidade. Cordialidade. Psicogênese.

Abstract:

This article uses categories found in some of the authors who discuss *Raízes do Brasil*, of Sérgio Buarque, and have the objective of evidencing the role occupied by the personality, the (cordial) subject, in it. This work locates that subject and show its fundamental elements as well as the relation between it and the social structure analysed by the author Sérgio Buarque, expliciting the relevance of its consideration in the argumentative structure of the book discussed.

Key Words: identity, personality, cordiality, psychogenesis.

1. Sociologia e identidades nacionais

Os empreendimentos mais ou menos sistemáticos de análise e interpretação social sobre o Brasil e feitos pelos brasileiros trilharam caminhos desde, ao menos, o século XIX, sobretudo a partir da década de 80, a partir de nomes como Silvio Romero e, posteriormente, Manoel Bonfim e Oliveira Vianna. Se, neste momento, é bom que se ressalte, tudo isso se dava ainda sem grandes preocupações com o método científico, atrelando-se a atividade “sociológica” à literária, já aí, por outro lado, os pesquisadores brasileiros

se debruçavam diante da busca de desvelar a realidade social do país, vislumbrando, nesta, um caráter específico.

Nesse processo cuidou-se de criar mitos e imagens especificamente e constitutivamente brasileiras, o que significa dizer: tratou-se de criar (ainda que buscando a mera interpretação) Brasis. Isto é, os autores, tais como estes três primeiros, mas bem como diversos outros que se seguiram no século XX, se mobilizaram para a construção indireta ou deliberada de uma identidade brasileira. É nesse contexto geral que residiu, muitas

vezes, a tão — e adequadamente — criticada postura de definir o Brasil através da ausência de traços do caráter europeu, característica de uma autoestima baixa diante do Outro ao Norte. Cabe lembrar, aqui, o conto denunciador feito por Lima Barreto (1979), chamado Miss Edith e Seu Tio. Nesse, o autor descreve as “imoralidades” internas à superfície de distinção e nobreza, superioridade, de fato, com que os nacionais percebiam os norte-europeus, em cujos “rostos muito alvos, naqueles cabelos louros, naqueles olhos azuis, de um azul tão doce e imaterial” enxergavam “santos, gênios, alguma cousa de oratório, de igrejas” (BARRETO, Lima), algo angelical.

É nessa mesma busca pelo Brasil que se colocam, também outros autores do século XIX, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, os quais cultivam, embora também certas distinções, semelhanças, dentre as quais está a tentativa de se afastar dessa visão submissa ao Norte e apostadora no subdesenvolvimento nacional. Ambos buscam descrever uma constituição brasileira específica, a qual tentam, ainda, exaltar como formada por elementos positivos – isto é, não meramente por ausências[1]. Se Freyre, com *Casa Grande e Senzala* (2002), aponta a mistura de raças, exaltando-a como fonte de vantagens para o Brasil, se afastando, por exemplo, de Vianna (2005), que a colocava no extremo do outro lado, Buarque, em *Raízes do Brasil*, se centra em um tipo ideal de indivíduo brasileiro, o “homem cordial”. Finalmente, é a esse autor e a essa tese que esse trabalho se dedica mais detidamente.

2. A identidade e a psicologia brasileira em *Raízes do Brasil*

A apreciação de Holanda pelas discussões a respeito do caráter brasileiro antecede *Raízes do Brasil*. O autor, como apontam P. Monteiro (2009) e Avelino Filho (1990), além de fazer parte da classe média alta paulista dos anos 20, tinha contato, desde jovem, com autores modernistas, como Oswald de Andrade e Mario de Andrade. Já aí se poderia vislumbrar o desenvolvimento do seu interesse em discutir o país não mais partindo da mobilização da ideia de cópia, bem ou mal feita, de formas e fórmulas europeias. Ademais, é nesse sentido que tal livro de Buarque se inicia.

No primeiro capítulo, aponta que o esforço de europeização do Brasil, o qual desemboca na importação de modelos estrangeiros, é causador de diversas mazelas na nossa história social. Estes, alheios à nossa realidade, obstam seu desenvolvimento mais pleno, em última análise, pois submetem a nossa vida social à critérios e princípios que surgiram da espontaneidade[2] de um outro modo de vida, nos deixando como “desterrados em nossa terra” (HOLANDA, p. 32).

Nessa senda, o autor lança-se à tarefa de desvendar o que seriam então os caracteres essencialmente brasileiros de fato – os quais mal se acomodam àqueles modelos estrangeiros e, estes sim, descompassados. O presente artigo tem como hipótese central que, a estas questões, responde o autor de *Raízes*: o “homem cordial”; a “autarquia do indivíduo”, do Eu: o sujeito atrelado à “psicologia ibérica”[3] enfim, tendo se desenvolvido na obra, através de grande desenvoltura argumentativa e analítica, um jogo entre estrutura social e estrutura da personalidade, como afirmou Waizbort em seu artigo intitulado “O Mal Entendido da Democracia” (2011).

O presente trabalho pretende, dessarte, explorar

esta perspectiva, onde a análise da estrutura mental e emocional do sujeito brasileiro aparece como fundamental para a compreensão da análise da estrutura social operada em *Raízes do Brasil*. Para tanto, serão retomadas discussões colocadas inicialmente por Waizbort em seu texto supracitado, depois por Avelino Filho, em seu texto *Cordialidade e Civilidade*, o qual também compõe a fortuna crítica da obra de Holanda que pretendo discutir.

Almeja-se reafirmar que este autor empreende uma análise psicológica do Brasil como base para a resposta quanto aos traços brasileiros mais profundos, evidenciando como estes são apresentados a partir da relação entre estrutura social e estrutura da personalidade, bem como ressaltando a consideração desta última como central para o entendimento da obra e, portanto, para sua análise (1). Finalmente, pretende-se, ainda apontar, sem esgotá-las, conexões de tal perspectiva (psicológica e sociológica) que se lhe atribui e suas relações com a noção de “civilização”, tomada enquanto forma decorrente do processo civilizatório na sociologia de Elias ou de racionalização e impessoalidade a partir de Weber (2). Nesta parte tratar-se-á de se discutir a sociabilidade característica, na teoria sociológica, desta forma social em comparação com a que se defendeu existir no Brasil, por um lado, bem como a psicologia que se atribui a elas, evidenciando como a estrutura da personalidade emerge como um objeto[4] na e a partir da discussão feita por Buarque. Cabe reafirmar, assim, a importância, ao que me parece, de discuti-las ambas (sociabilidade e psicologia), tendo em vista ser comum que o foco principal das discussões que retomam a cordialidade pare sobre a primeira, o que não raro se dá em detrimento da segunda[5].

3. A questão da personalidade e a estrutura social

Raízes do Brasil foi precedida por um ensaio chamado *Corpo e Alma do Brasil*, publicado um ano antes, que possuía grandes relações com o livro posterior, como aponta Leopoldo Waizbort em “O Mal Entendido da Democracia”, contendo inclusive estratos dele. Conforme este último autor, ainda, é fundamental para entender a relevância atribuída por Holanda à personalidade o fato de esse ensaio ter como subtítulo “Ensaio de Psicologia Social”, o que indicaria que “ele assume então uma perspectiva que parte da estrutura da personalidade” (WAZIBORT, 2011).

Não obstante seja sabido que há uma transição do foco conferido à “estrutura da personalidade” entre *Corpo e Alma do Brasil* e *Raízes do Brasil*, percebe-se que a preocupação com este tema permanece central para a estrutura da obra. Isso porque, ainda que a estrutura da sociedade brasileira ganhe ênfase no livro, esta é tratada reiteradamente a partir de sua relação com a estrutura da personalidade dos sujeitos inseridos nessa sociedade. Nesse sentido, pode-se novamente resgatar Waizbort, que coloca que *Raízes do Brasil* tem sua “teia cognitiva” apoiada na consideração de existência de inter-relações entre estrutura social e estrutura da personalidade.

Trata-se, então, de uma interpretação da obra que considera, como Waizbort[6], que reiteradamente desenvolvem-se inter-relações, fundamentais para o seu entendimento, entre elementos da estrutura da sociedade e elementos da estrutura da personalidade do sujeito (genérico) inserido nela. Pode-se, então, passar a

evidenciá-las.

4. Autarquia do indivíduo

4.1. Autarquia do indivíduo e Tibieza das formas sociais de solidariedade impessoal

O primeiro capítulo de *Raízes do Brasil* começa já colocando a expansão cultural europeia/ibérica, principalmente de Portugal, para o Brasil como fato constituinte central de sua formação social, e assim logo aponta para a necessidade de verificarmos até que ponto conseguimos já representar as formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros, bem como os “fundamentos” em que se assentam tais formas de vida.

Nessa herança, põe precisamente a Cultura da Personalidade, elemento central para descrever, bem como para situar no social, a psicologia brasileira. Desta forma, cabe, para esclarecê-la, explorar, inicialmente, as respostas do próprio Sérgio Buarque diante da busca por desvendar os traços portugueses herdados pelo Brasil no tocante a ela.

O autor descreve, tratando da Cultura da Personalidade, uma “mentalidade” que se liga com certas “virtudes soberanas” (HOLANDA, op. cit., p. 32), a qual nomeia de Autarquia do Indivíduo, que se tentará esclarecer ao longo do artigo. Esta, por meio das virtudes ou valores que porta e que mobiliza como referência, pautaria a valoração dos indivíduos de dois modos articulados: a) sujeito a partir de seus caracteres próprios, que operam a sua distinção frente aos demais, sejam estes presentes de nascença ou engendrados através da experiência e

esforços próprios do sujeito; b) sujeito que a partir de seus caracteres próprios se basta a si, sendo autônomo e responsável por sua vida.

À medida em que a valoração do sujeito aqui estaria nos caracteres próprios ou na capacidade de desenvolver a si mesmo sempre autonomamente, Buarque parece indicar uma noção de pessoa (MAUSS, 2003) culturalmente localizada, a qual, na descrição de si e dos demais, se aproximaria à noção de Indivíduo onde este é entendido como ser afastado e hermético, ou então, indica, ao menos, uma perspectiva moral, com avaliações fortes em torno do sujeito, do seu comportamento e de sua vida (TAYLOR, 1997) pendendo para o afastamento e a ideia de auto empreendimento, como indica o apontamento, feito em *Raízes do Brasil*, de que tanto Portugal como o Brasil seriam nações onde não se teve dificuldade de estabelecer o princípio da competição individual, diante do prestígio pessoal baseado em caracteres, se não intrínsecos, desenvolvidos autonomamente, em detrimento dos privilégios hereditários.

De qualquer modo, tais valorações centrais (ou “virtudes soberanas”) compõem uma subjetividade própria[7], a “psicologia ibérica”[8], à medida que integram, com forte peso, uma mentalidade que dirige subjetivamente os indivíduos, tanto em relações sociais e comportamentos externos (ainda que não totalmente, pois podem supor a automonitoração[9]), por exemplo por meio do uso de padronizações de “formas exteriores da cordialidade” (Ibid., p. 147), quanto em comportamentos internos, por exemplo em momentos de evitar viver “consigo mesmo”, chegando até a sentir “pavor” (Idem) disso, como descreve o autor.

Dos postulados e formulações abarcados pela mentalidade relativa à cultura da personalidade, da Autarquia do Indivíduo, do Eu, Buarque diz surgir a “singular tibieza das formas de organização, das associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos”, de modo que em “terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida” (Ibid., p. 37). A falta de coesão social e a incapacidade de organização sólida dos ibéricos e dos brasileiros não seriam, assim, transformações modernas (HOLANDA p. 38), mas características sociais resultantes de uma mentalidade já antiga, de um arranjo psicológico e emocional, situado socialmente e subjetivamente mobilizado, o qual valoriza o livre-arbítrio e a responsabilidade individual.

Nesse sentido, Buarque estabelece uma análise que coloca, de um lado, a valoração da autonomia (do livre arbítrio, etc.), principalmente, como elemento cultural mobilizado subjetivamente pelos sujeitos brasileiros, e, por outro lado, vinculado à cultura como elemento capaz de estruturá-la, onde aparece como fundamento de um contexto social em que a sociabilidade é marcada pela dificuldade em operar qualquer relação baseada na solidariedade desinteressada, isto é, na solidariedade anônima, não baseada em laços afetivos.

Pode-se colocar, dessarte, essa discussão da valoração do sujeito, da personalidade autárquica, como primeiro exemplo do que esse projeto pretende elencar. Isto é, momentos da análise de Sérgio Buarque em que se põe a relação entre estrutura da personalidade e estrutura social onde os traços dos indivíduos inseridos nessa, ou seja, os elementos de uma estrutura da personalidade

socialmente localizada, se mostram ligados à estrutura da sociedade, apresentando-se algumas vezes como correspondentes (como seu fundamento ou consequência) e outras como descompassados em relação a ela. No caso, o traço social da tibieza das formas de organização que demandam solidariedade impessoal decorreria, como resultado, da noção autárquica do Eu que o sujeito tem de si mesmo e dos demais indivíduos (HOLANDA, p. 45), a qual constitui-se em elemento central da Cultura da Personalidade e da psicologia relativa a ela.

É interessante perceber, destacando-se, que a noção autárquica do Indivíduo é, simultaneamente, traço social, e, também, movimento subjetivamente articulado e empregado. É preciso que aqui se esclareça essa consistência, evitando o apagamento de um desses seus caracteres.

A confusão quanto ao caráter social de tal noção do Indivíduo pode residir precisamente no fato de que por um lado, as personalidades ibérica ou brasileira aparecem como originadas por processos históricos e sociais específicos (onde aparecem a unificação portuguesa e a família patriarcal, conforme indicarei), indicando justamente que a estrutura do sujeito cordial tem suas raízes nas especificidades da estrutura social que a envolve (ou, melhor, que não a envolve, fazendo-a autárquica); por outro lado, a especificidade cultural que se discute teria dado origem, conforme Buarque, a uma personalidade autárquica, aparentemente não restringida ou ao menos formatada por um processo civilizador.

De todo modo, cuida-se, portanto, quanto à noção autárquica do sujeito, de um elemento subjetivamente mobilizado na interioridade do sujeito, servindo-lhe como

elemento de organização da sociabilidade e de si mesmo. Por outro lado, embora caracterizada por uma recusa de formas abstratas, introjetadas no processo civilizador, a cordialidade tem, ainda, suas origens na estrutura social, que teria permitido e condicionado sua formação. Pode-se, finalmente, perceber a centralidade da perspectiva da personalidade[10] para Raízes.

4.2. Aversão ao trabalho, autarquia do Eu e apego à vida interior do sujeito

Para além da Autarquia do Eu como mentalidade, pode-se, agora, passar à tentativa de evidenciar a existência, em *Raízes do Brasil*, de uma composição do “homem cordial” a partir de elementos de uma estrutura não só mental, mas psíquica e emocional.

Em síntese, Buarque trata, dentre outras coisas, em suma, da “psicologia” dos povos ibéricos, herdada pelo Brasil e fundamental para a formação do sujeito cordial. Tratando dela, defende que ali se encontra um grande foco de concepção e valoração dos demais e de si mesmo enquanto indivíduos a partir da consideração de caracteres pessoais, de nascimento ou ligados a méritos, em feitos desenvolvidos autonomamente.

Ao tratar dessa mentalidade ibérica em relação ao sujeito e apontar a existência da “autarquia do indivíduo”, Buarque discute também que (Ibid., p. 45), diante dela, um compromisso tido como nobre, porque violento, que comumente se colocaria como forma de engajamento político é o de abandono de si pela moral e ética da obediência cega, que constituiria um princípio político central entre o povo brasileiro.

Por um lado, tem-se a característica da autarquia

do indivíduo, onde o sujeito é o principal responsável por seus próprios desdobramentos porque é o principal construtor de si; por outro, tem-se a obediência cega, que pode ser entendida como forma negativa da primeira (que está presente pela negação). Assim, ter-se-ia de todo modo uma persistente presença do apego à auto determinação. Tanto a vontade própria, quanto a negação violenta desta, parecem corresponder a uma necessidade ou ao menos uma tendência de apego a própria subjetividade como elemento dirigente do sujeito no mundo. Esse sentido parece estar em consonância, ainda, com o apontamento que faz Holanda da noção subjetiva ibérica e brasileira de que o trabalho afastaria o sujeito de si, pelo que parece indicar o apego à subjetividade própria como norteadora das ações como a justificativa ao suposto traço da aversão ao trabalho[11].

As valorações relativas ao sujeito presentes na Cultura da Personalidade, a figura da Autarquia do Indivíduo presente nelas, parecem combinar-se, assim, não apenas com imperativos categóricos, mas, inclusive, com aspectos muito mais íntimos, de valoração da própria subjetividade como guia (uma forma mais interior, mais central, da autonomia) e de apego aos estados próprios vivenciados por essa subjetividade e seus movimentos interiores.

Dessa forma parece ter apreciado Waizbort quando descreve, tratando da obra de Holanda, “uma estrutura da personalidade em tudo hostil ao que tolhe ou ultrapassa a mencionada autarquia, ao que se contrapõe ao arbítrio individual” (WAIZBORT, 1936, p. 46). Outro traço fundamental do sujeito brasileiro que parece ainda situar-se nessa perspectiva interpretativa é a aversão à

impessoalidade. Como indica Avelino Filho (2016), Sérgio mobiliza a cordialidade brasileira como polo oposto à racionalização (weberiana) e ao processo civilizador (de Elias), que permite ultrapassar os estados mais próprios e subjetivos por formas e códigos genéricos, compartilhados e mobilizados impessoalmente.

Dessa percepção ainda mais interior e psíquica da autonomia, da Autarquia do Indivíduo, se cuida de uma característica da personalidade brasileira à qual corresponderia, conforme o autor, a característica social de uma certa aversão ao esforço do trabalho à medida em que este representaria um afastamento do sujeito de si mesmo (de sua própria subjetividade dirigente). E aqui se pode perceber outro momento de vinculação entre comportamento externo socialmente compartilhado e valorações, percepções e sensações subjetivas, à medida em que estas originam aquele, como é também na relação da autarquia do eu com as formas sociais de solidariedade impessoal.

5. Psicogênese e processo histórico social

Como se pode entrever do que foi discutido até agora, se, por um lado, elementos subjetivos compartilhados participam da estruturação da sociedade na descrição de Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, por outro lado, ainda, abordado na teoria do Processo Civilizador (1994), de Elias, e no livro de Holanda, defendendo, os elementos da estrutura social articulam a formação de uma estrutura psíquica[12] própria nos sujeitos inseridos em sua sociedade[13]. É por isto que tais elementos são compartilhados, porque, ainda que subjetivamente mobilizados rumo à uma autarquia,

são socialmente localizados.

Enquanto o traço do eu autárquico fundamenta, para Sérgio, características da vida social brasileira (a aversão ao trabalho, a fragilidade das organizações que demandam solidariedade desinteressada, a aversão ao que é impessoal), surge ele próprio da estrutura social, a qual articula nos sujeitos a economia mental e afetiva que o compõem e qualificam. Isto é, não só a estruturação social a partir de traços interiores, mas também a da personalidade a partir de traços sociais, a psicogênese, é abordada por Buarque, sendo fundamental realçá-la.

Neste sentido, cabe retomar a discussão de Sérgio sobre as diferenças da relação colônia-metrópole entre o caso brasileiro e os de países americanos colonizados pela Espanha e sua relação com os elementos da Autarquia do Indivíduo descritos anteriormente, a saber, a autonomia e o apego aos próprios estados interiores.

Fala-se das explorações, das cidades e de como a relação colonial com elas era distinta entre a América colonizada por Portugal e a colonizada pela Espanha. Os espanhóis são descritos como planejadores, minuciosos, organizando a construção das cidades de modo quase burocrático; o Brasil por sua vez teria se desenvolvido num contexto em que os portugueses se acomodavam à natureza e às circunstâncias (em oposição à imposição de vontade e espírito que os espanhóis manifestariam na construção das cidades). Reiteradamente, aponta-se para o caráter, em geral, “desleixado” da colonização portuguesa, sobretudo no primeiro século de exploração, o que seria explicado, dentre outros motivos, pela “aversão congênita a qualquer ordenação impessoal da existência”[14] (p. 130). Essa característica ibérica teria sido herdada pelo

Brasil através do processo colonizador, sendo também apontada como fonte da não ordenação prévia das cidades e das distribuições nestas das habitações e ruas.

Mais do que na capacidade que Holanda atribui a essa aversão (a qualquer impessoalidade) de causar o traço social da organização das cidades ou outros, é, agora, interessante focar no que representa tal “desleixo” dentro do argumento de *Raízes do Brasil*, enquanto consequência sócio histórica e, assim, na articulação entre contexto e estruturação da personalidade que enseja.

O fundamental para entender esta articulação, que defendo estar colocada em *Raízes do Brasil*, é que essa característica - a do “desleixo” (HOLANDA, op. cit., p. 131) - tem como elementos ausentes, em relação ao que se descreve ser a América colonizada pela Espanha antecedência à vontade construtora da abstração e do planejamento. Isto é, o desleixo teria como base (daí surgiria) a renúncia à abstração transfiguradora da realidade, aos delírios místicos, por fim: “um realismo fundamental” (Ibid., pp. 131-132) que teria como consequência menor desvio da natureza do que teriam os espanhóis.

Expandindo o tratamento deste “realismo”, Buarque o remete à ausência de formas abstratas e impessoais que ordenem a realidade. Resgata-se, assim, um subjetivismo, de forma que o sujeito renuncia à impessoalidade e se encerra em suas próprias percepções e sensações, não as ultrapassando através de códigos abstratos e genéricos. O apego ao mundo, à realidade concreta, aparece como apego à experiência sensitiva e prática individuais (a “um jardim rústico de emoções íntimas”, p. 138), em função do qual o sujeito acabaria não se submetendo “àquelas construções impessoais que admirariam mais tarde os

artistas do Renascimento e do classicismo”[15] (Idem).

Assim, cabe citar, acerca da arte de Portugal:

[...] atribuindo embora caráter positivo e intransferível a tais estados, a poesia portuguesa nunca os levará, nem depois do romantismo, ao ponto de uma total desintegração da personalidade, nisso mostra bem que ainda pertence ao galho latino é ibérico. (HOLANDA, Ibid.).

Então, o autor pontua, posteriormente, “a ordem que se aceita é a que é composta pela humanidade com certo desleixo e liberdade, e não a que é criada pelo trabalho, a ordem do sementeiro, não a do ladrilhador” (HOLANDA, Ibid.).

Tanto na arte portuguesa quanto em sua ética Holanda coloca como epicentro a personalidade. A moral do “sementeiro”, bem como o personalismo, parece estar próxima de um ensimesmamento, de modo que ambos são marcas de um eu autárquico. Recusa-se aquilo que ultrapassa a personalidade, seja na poesia impessoal, seja na aversão à abstração espanhola que fundamenta a “ordem do ladrilhador”. É isto que indica a “Autarquia do Indivíduo”, conforme nomeou o próprio autor. Esta demanda que as experiências e sensações próprias, tornadas concretas pela própria vivência pessoal do indivíduo, pautem a sua vida e relação com o mundo, causando um afastamento entre este e aquele. A reflexão de Holanda acerca da poesia portuguesa indica a força da personalidade, que, larga, abarca o mundo – sempre a partir dela própria. O planejamento, a abstração, por sua vez, demandam uma racionalização impessoal, oposta ao pessoal e, por isso mesmo, concreto, ao que foi tocado pela personalidade. O indivíduo tem aversão à abstração porque abstrair é sair de si.

Se, por um lado, tais características psíquicas, herdadas pelo tipo brasileiro, são fonte do “desleixo” do português, por outro, de onde teriam, então, surgido elas, que se expressam na arte, sobretudo na literatura e destacadamente na poesia? (HOLANDA, p. 139)

A renúncia à racionalização, à reflexão abstrata e impessoal são explicadas, finalmente, a partir dos processos históricos e sociais de Portugal. Em oposição às várias nações, como a Espanha, lá a unidade política foi atingida logo no século XIII, de modo que havia conquistado certa estabilidade. Essa, defende Buarque em *Raízes do Brasil*, torna possível que os sujeitos se afastem do impulso obstinado e deliberado de superar a realidade, por não mais necessitarem fazê-lo e se voltem para si: tendo o seu ambiente se tornado seguro a ponto de não mais terem de superar a realidade imediata, torna-se possível que se enfraqueçam os impulsos (não mais tão úteis) de abstração e formalização e, por outro lado, se fortaleça a “preocupação com situações concretas e individuais” (HOLANDA, p. 140).

Em síntese, a partir da estrutura social organizada pelo processo histórico português, se justifica a renúncia à abstração e à impessoalidade ordenadora e o apego à vivência individual, elementos centrais para a psicologia ibérica. Herdando estes traços através da colonização, momento em que estes se acentuavam, vai se desenvolvendo o sujeito cordial, sintetizando esta tradição e algumas outras dinâmicas, como a família patriarcal. De qualquer modo, a cordialidade aparece como uma estrutura da personalidade social e historicamente localizada, dentre processos e estruturas sociais próprias, muito embora se dirija rumo a uma noção autárquica, afastada das formas

culturais impessoais. É importante contextualizar isto.

6. Civilidade vs Cordialidade

Desdobramentos de toda essa discussão podem ser encontrados no texto *Cordialidade e Civilidade em Raízes do Brasil*, de Avelino Filho. Aqui, o autor concebe, quanto ao livro de Holanda, a distância da cultura da personalidade à impessoalidade demandada pelas instituições da Modernidade europeia, e, enfim, a esta, através da classificação dos dois casos em tipos ideais opostos.

O autor identifica em *Raízes do Brasil* um entrelaçamento entre a cordialidade e a generalização da dinâmica da família patriarcal à vida pública dos sujeitos, e considera que a primeira tem como elemento central a ausência de formas culturais objetivas e genéricas que sirvam de balizadoras às relações sociais. Nesse sentido, o tipo da cordialidade é colocado como oposto à civilidade, a qual, por sua vez, seria marcada pela forma de sociabilidade característica da Modernidade europeia, tendo como elemento central a existência de símbolos abstratos, que fundam a existência das relações impessoais — fundamentais para a dinâmica urbana e para a democracia.

Avelino aponta, dessarte, a existência no contexto brasileiro de *Raízes* de uma falta de ordenação objetivadora, pelo que vai resgatar, ainda, que esta dependeria da socialização ligada ao processo civilizatório. Isto é, trata-se da ausência de símbolos e formas de expressão (socialmente estabelecidas) capazes de ser objetivamente reconhecidas pelos demais, os quais se articulam com uma dinâmica psíquica específica, formatada pela socialização civilizatória. O indivíduo brasileiro, em oposição,

não permeado pelas formas abstratas objetivadoras da realidade, permaneceria atrelado a sua subjetividade, além de se relacionar com os outros a partir dela, com tons afetivos e imediatos.

7. Conclusão

Inserindo-se na busca por desvendar as peculiaridades da sociedade brasileira, Sérgio Buarque investiga-as na história de longa duração de Portugal, perseguindo as heranças portuguesas e o nosso aprofundamento delas. Nessa senda, chega à Cultura da Personalidade, indicando como cultura e sujeito irão articular-se em sua análise.

A discussão acerca da existência de inter relações entre personalidade e estrutura social em *Raízes do Brasil* parece consistir verdadeiramente em um pilar da interpretação social que opera Sérgio Buarque de Holanda. Faz-se, portanto, necessário que se atente para ambas as estruturas presentes na análise de Holanda, resgatando a existência de uma preocupação psicológica na obra, pelo que se poderá perceber além das formas de sociabilidade cordial, o lugar psíquico que ocupam e, somente daí, seu lugar na obra.

A reflexão acerca da cordialidade e civilidade pode ser retomada, então, para discutirmos a estrutura e o sujeito. Se, por um lado, como pode-se perceber através de diversos autores europeus, o processo civilizador europeu e alguns de seus elementos culturais específicos serviram para forjar, até certo ponto, um tipo de sujeito específico, um certo “indivíduo” e um individualismo, como descrevem, por exemplo (cada um a seu modo) Elias (1994) e Tocqueville (1998); por outro lado, o processo

histórico-social brasileiro, parece defender *Raízes do Brasil*, teria fomentado um outro tipo. Este, embora não fixo, parece possuir certas características marcantes e interligadas, capazes de descrever uma certa estrutura psicológica socialmente localizada.

A localização do sujeito no contexto cultural simbólico (objetivo ou personalista), pode ser, assim, somada à descrição de apego à própria subjetividade, enquanto pontos articulados de uma personalidade não submetida ao processo civilizatório, a partir, principalmente, do diálogo com o Processo Civilizador, de Elias. Sob à luz dessa discussão, o sujeito cordial se destaca como estruturado socialmente. Nisso, não apenas a dinâmica familiar patriarcal -sua força e generalização -, como o processo histórico (de longa duração) português aparecem como elementos conformadores de uma estrutura da personalidade propriamente brasileira, pois socialmente e historicamente localizada, a qual se opõe, desta forma, àquela descrita para a Modernidade europeia. Um paradoxo, se assim pode chamá-lo, que surge é que a personalidade que emerge na forma do sujeito cordial, embora seja possibilitada pelo contexto social, inserindo-se na “cultura da personalidade”, consiste, na concepção de Buarque, em uma autarquia. O “homem cordial”, que é especificamente brasileiro, aparece como não atravessado por formas culturais objetivas, recolhendo-se, antes do que à cultura, à sua própria subjetividade, por onde acessa a realidade concreta.

Interessante, ainda, o resgate da teoria social que pode ser estabelecido a partir de *Raízes do Brasil*. Não obstante boa parte deste referencial não seja explicitado, a obra parece combinar-se, na busca pela identidade

brasileira, com reflexões da sociologia europeia e, sobretudo, alemã, principalmente de Weber e Elias. O primeiro está presente na noção de um tipo ideal de personalidade, que caracteriza “o” sujeito cordial, o segundo, por sua vez, parece estar presente nas diversas relações entre estrutura social e estrutura da personalidade como instâncias que se combinam e, por isto, merecem atenção do pesquisador. Importante ressaltar que este resgate não se afasta à pretensão de analisar a sociedade brasileira a partir de si mesma, de modo que não se trata de apresentar o Brasil como subdesenvolvido por ausência de caracteres europeus, conforme se observa dos últimos capítulos e de toda discussão de importação acrítica dos modelos europeus para a América. Este empreendimento, parece, se aproximaria mais de uma atividade de “redução sociológica” (RAMOS, 1996).

INFORMAÇÕES SOBRE O AUTOR

*Graduando em Ciências Sociais (bacharel) pela Universidade de Brasília - UnB. E-mail: matheus.rolim.paiva@gmail.com

NOTAS

[1] Poderíamos lembrar, também, como semelhança, a tentativa de extrair a identidade através do recurso metodológico à história de longa duração, presente, também, em *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, ou, finalmente, em *Casa Grande e Senzala*, de Freyre, quando este descreve sua obra como “ensaio de sociologia genética e de história social” (FREYRE, 2003, p. 49), que pode descrever muito bem também a própria obra de Buarque.

[2] Sérgio parece estar bastante preocupado em tratar

da relação entre sujeito social e formas institucionais apresentando como ideal o cenário em que estas se apresentam como desdobramentos daquele, isto é, aparecem como consequência da espontaneidade do sujeito, que a constrói.

[3] É interessante apontar que o que estes termos chave representam, isto é, a defesa da existência de uma estrutura mental e sentimental específicas, que dirigem subjetivamente o sujeito brasileiro, estava presente também em *Casa Grande e Senzala*, de Freyre, quando falava, no seu capítulo dois, do extremo de “introversão” (FREYRE, 2003, p. 67) ou da “especialização psicológica” do negro em relação ao índio (FREYRE, 2003, p. 42). No entanto, é em Holanda que esta perspectiva parece ser mais centralmente desenvolvida, sendo fundamental para a estrutura de *Raízes do Brasil*.

[4] Não obstante quase sempre emergida na perspectiva social, a discussão a respeito da personalidade se destaca, não se confundindo com mero apêndice da sociabilidade cordial.

[5] Tem-se em vista aqui, portanto, expressamente a senda que Avelino descreve e persegue. Pretende, ainda, articular a discussão deste autor com a que faz Waizbort, as aproximando e evidenciando como podem, ainda, ligar-se como desdobramentos.

[6] WAIZBORT, O Mal-Entendido da Democracia, 2011.

[7] Isto é, uma mentalidade socialmente localizada e mobilizada subjetividade.

[8] Pode-se perceber, aqui, uma das prováveis influências de origem weberiana sobre a obra de Holanda, ao lembrar-se que, em *Economia e Sociedade* (1999), a subjetividade que dirige em último ponto o sujeito

social, a qual -afastando-se assim de uma coercitividade genérica e amorfa – é vinculada pelo social, pela cultura. O sujeito, assim, ainda que atrelado e formado pelo social é demarcado em relação a este: se, por um lado, o social constitui a subjetividade, fornecendo sentidos, por outro, é esta que, interior, dirige o sujeito no mundo.

[9] A manifestação mais completa destes postulados de autonomia e autoconstrução seria, conforme Sérgio Buarque, a filosofia estoica, apontada como filosofia nacional dos espanhóis desde Sêneca. Não deixa de ser interessante reparar que o estoicismo é repleto de colocações morais que demandam incisivamente auto observação e técnicas de si.

[10] Esse elemento cultural, busquei demonstrar, não se refere meramente à propensão de relações com fundo emocional. A Cultura da Personalidade aparece como sua valorizadora enquanto elemento último direcionador do comportamento individual, sendo esse funcionamento que caracteriza centralmente conforme entendo, a Autarquia do Eu.

[11] Como em diversos pontos da obra que este trabalho discute, não se busca aqui esgotar as explicações de Buarque. No caso da aversão ao trabalho manual, por exemplo, o autor aponta a vinculação desse trabalho aos povos escravizados, o que teria gerado uma estigmatização de suas práticas no Brasil. Não obstante, Buarque defende, também, que a aversão ao trabalho é resultado de um funcionamento psíquico específico, apegado à própria subjetividade, surgido por motivos históricos, conforme discutido mais à frente. De qualquer modo, o foco do presente trabalho é expressamente e, muitas vezes de maneira excludente, tendo em vista a delimitação do

objeto, elucidar o caráter psíquico do argumento de *Raízes do Brasil*.

[12] Este termo parece ser muito mais adequado do que “mentalidade”.

[13] Aqui se insere, sem dúvida, a discussão feita por Holanda que fala da força e generalização da dinâmica patriarcal. Não abordarei profundamente ela, pois é, em geral, descrita como uma das fontes centrais da cordialidade. Cito-a mais para frente, mas, de qualquer modo, passo o foco para outros elementos, sobre os quais não encontrei uma reflexão igualmente ampla nos artigos que tive contato.

[14] A aversão a impessoalidade na visão de Holanda é, portanto, traço já presente em Portugal. Isto é comumente ignorado, sendo que diversos autores tratam de tal característica como desdobramento meramente da dinâmica familiar patriarcal. Essa é fundamental, mas não a única causa. A cordialidade, como diz Avelino (1988), bem como a característica dela de opor-se a impessoalidade, acrescento, consistem em resultados de uma “síntese”. Possuem, finalmente, raízes já em Portugal.

[15] Talvez por passar ao largo das revoluções culturais que aconteceram em outros países da Europa, como suscita Richard Morse (1988).

REFERÊNCIAS

AVELINO FILHO, George. Cordialidade e civilidade em *Raízes do Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 5, nº 12, fev. 1990.

BARRETO, Lima. A Nova Califórnia - Contos. São Paulo: Brasiliense, 1979

BOMFIM, Manoel. *A América latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993. v. 2.

ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994, v. I.

FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Edição crítica de Guillermo Giucci, Enrique Larreta, Edson Fonseca. Paris: Allca XX, 2002. (Coleção Archivos).

HOLANDA, Sergio Buarque de. (1956), *Raízes do Brasil*. 3 ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro, José Olympio.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia: Uma Categoria do Espírito Humano: A Noção de Pessoa, A de "Eu"*. Tradução Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003 a: 367–398.

MONTEIRO, Pedro Meira. *As raízes do Brasil no espelho de Próspero*. *Novos estud. - CEBRAP*, São Paulo, n. 83, p. 159-182, Mar. 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000100009&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002009000100009>.

MORSE, Richard. *O Espelho de Próspero*. Tradução de Paulo Neves, São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A Redução Sociológica*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

ROMERO, Silvio. *Introdução à história da literatura brasileira*. Rio De Janeiro: Typographia Nacional.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 1997.

TOCQUEVILLE, A. *A democracia na América*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

VIANNA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

WAIZBORT, Leopoldo. *O mal-entendido da democracia: Sergio Buarque de Hollanda, Raízes do Brasil*, 1936. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 26, n. 76, p. 39-62, June 2011. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000200003&lng=en&nrm=iso>. access on 26 Nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092011000200003>.

WEBER, Max. *Economia y sociedade*. México, Fondo de Cultura Económica, 1944. Nova edição de 1964.